



NÃO
É
NÃO

*Violência sexual e de gênero:
O que nós temos a ver com isso?*



A palavra **NÃO**, ensinada e aprendida desde a infância, aparentemente tem um sentido claro e de interpretação única como um limite que não se deve ultrapassar. O **NÃO** aprendido na infância se relaciona ao processo de humanização, incluindo autoproteção e normas de civilidade: “**NÃO ponha a mão na tomada!**”; “**NÃO fale com a boca cheia!**”. Este aprendizado é progressivo e sofre interferências ao longo dos anos e o **NÃO** vai ganhando novas possibilidades de assimilação e conquistando uma diversidade de sentidos e de contradições também.

O modo como aprendemos a ser homem ou mulher igualmente reflete processos e relações. Nossa socialização neste campo é dada pelas diferenças e níveis hierárquicos dos valores que atribuímos àquilo que é considerado masculino e feminino.

No geral, em nossa cultura, características masculinas são privilegiadas e uma das formas de controle dos corpos e da sexualidade se reflete na forma como homens interpretam o sentido do **NÃO** no que diz respeito ao não-consentimento na abordagem amorosa e/ou sexual de mulheres, com dificuldades em assimilar seu significado de recusa e de escolha feminina.

Para grande parte dos homens, o consentimento é uma forma de verificar a abordagem seletiva de cada mulher. O **NÃO** algumas vezes pode ser compreendido como a “resistência necessária”, visto como “charme”, mas dificilmente como um impedimento ou limite e como uma rejeição ao convite sexual. **E é aí que reside o perigo!** Educados para avançar diante da resistência, os homens podem considerar um **NÃO** como consentimento, e até como um “convite”, produzindo um ato de violência, do qual a mulher poderá ser responsabilizada.

Sendo igualmente educadas nesses modelos, as mulheres também aprendem ‘as regras do jogo’ e muitas incorporam os lugares de pertencimento a determinadas categorias, corroborando com a reprodução de valores e comportamentos machistas relacionados ao gênero e sua sexualidade. Já para muitos homens, por estarem em posição privilegiada, essa talvez não seja uma discussão relevante, como se o machismo não permanecesse disseminado e dominante em toda a sociedade, referenciando e enquadrando comportamentos.

É neste contexto que o **NÃO**, nos diversos cenários de uma abordagem afetiva e/ou sexual, passa a fazer parte do complexo mecanismo que aprisiona homens e mulheres nas armadilhas de um machismo enraizado. Longe das facetas que opõem homens e mulheres enquanto “mocinhas” e “bandidos”, precisamos repensar nossos pactos nessa relação. Em uma sociedade caracterizada pela reprodução de desigualdades – seja de gênero, racial, social etc. –, somos responsáveis pela quebra de padrões sociais que as alimentam. Se homens e mulheres são educados para reproduzi-los, a educação de todos, no sentido do respeito individual em suas variadas expressões, pode restituir alguns importantes valores e sentidos, como o estrito limite da palavra **NÃO** na abordagem amorosa/sexual.

O NÃO DEVE SEMPRE SER COMPREENDIDO COMO NÃO!

VIOLÊNCIA SEXUAL: O QUE É?

É todo ato que insere uma pessoa em situações envolvendo sexo, atos libidinosos ou erotismo **sem que exista seu consentimento**. Exemplos:

- manter relações sexuais, atos libidinosos ou eróticos à força;
- desconsiderar mensagens físicas ou verbalizadas, indicando a não-disposição e a recusa a relações sexuais, atos libidinosos ou erotismo;
- induzir à alteração da consciência de alguém e manter relações sexuais (com ou sem penetração) com a pessoa inconsciente (como nos casos em que se oferece “*boa noite cinderela*”). Isto corresponde a crime de estupro, previsto no Código Penal , Artigo 213;
- aproveitar-se de alguém em estado de alteração de consciência (dormindo, alcoolizado, sob efeito de remédios e drogas, com mobilidade reduzida) para manter relações sexuais (com ou sem penetração). Isto corresponde a crime de estupro, segundo o novo Código Penal, Artigo 213;
- expor material erótico e/ou fotos íntimas (“*nudes*”) sem a autorização de todos os participantes da cena (“*porn revenge*” ou *vingança pornô*”);
- criar jogos / abordagens / insultos públicos ou privados que tenham o propósito de constranger sexualmente alguém;
- Proferir “cantadas”.

ACONTECEU COMIGO: E AÍ?

Cada pessoa tem uma reação frente à violência sexual, dependendo da modalidade a que foi exposta, trajetória pessoal e resiliência. Se você foi vítima e tem condições de seguir o protocolo formal, tome as seguintes providências o quanto antes:

- Evite tomar banho e trocar de roupa. Isto é importante para que as provas [secreções, hematomas, ferimentos, resíduos de epiderme ou sangue do agressor] sejam utilizadas como prova no exame de corpo de delito e no processo de responsabilização.

- Mulheres vítimas de violência sexual devem se dirigir a uma Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), se possível, acompanhadas.

- Nas delegacias, deve ser feito encaminhamento para a realização do exame de corpo de delito.

- A vítima também será encaminhada aos serviços de saúde responsáveis pela profilaxia pós-exposição a DSTs e HIV (até 48 horas após o ocorrido);

- Procure algum serviço de orientação a vítimas de violência. No NAE, você também poderá ser acolhida e orientada.

Obs: Em caso de não conseguir seguir o protocolo formal tão logo ocorra a violência, assim que possível busque os serviços especializados e orientação profissional.

ONDE ENCONTRAR APOIO?

Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180

Para denúncias e orientação sobre casos de violência contra a mulher. Funciona 24h por dia.

Lista com endereços das **Delegacias de Polícia de Defesa da Mulher** :

<http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Default.aspx?idPagina=3454>

Centro de Referência da Saúde da Mulher - Hospital Pérola Byington. Av. Brigadeiro Luís Antônio, 683 – SP. Fone: (11) 3248-8000

Casa de Saúde da Mulher Domingos Delascio. Rua Borges Lagoa, 418 – SP. Fone: (11) 5084 4997

Guia da cidadania: rede de defesa de direitos das mulheres do Estado de São Paulo

<http://www.redededefesadedireitos.com.br/>

Caso você tenha passado por algum tipo de violência sexual, tome as providências iniciais necessárias para cuidar de sua saúde. Além disso, caso queira orientação e suporte da Universidade, no **Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE)**, você tem um espaço aberto para trazer esta e outras questões, sendo que o acolhimento pode ser feito por todos os servidores. Lá, sua história será ouvida em sigilo e serão colocadas à sua disposição as possibilidades de encaminhamento que melhor respondam às suas demandas. Também no **NAE** você pode acionar os fluxos do Código de Conduta Estudantil da PRAE em casos de denúncias de violências entre estudantes da UNIFESP.